

PROCESSOS DIALÓGICOS COMPLEXOS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PROJETO DE PESQUISA FRONTEIRA, TERRITORIALIDADE E CULTURA: O VALE DO ARINOS NA MEMÓRIA DE SEUS HABITANTES E O MUSEU DO VALE DO ARINOS

MORAES, Saulo Augusto de¹

Resumo - Este texto é um relato de experiência e buscou descrever processos dialógicos complexos e seus resultados a partir do projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Juara-MT, sob a coordenação do Prof. Dr. Jairo Luís Fleck Falcão. Nossas considerações se debruçam igualmente sobre o projeto de extensão Museu do Vale do Arinos e a complexa teia que envolve sujeitos e instituições culturalmente diferentes na implementação e funcionamento da primeira instituição museal de Juara-MT. Hoje, o Museu do Vale do Arinos, instituição da administração pública municipal de Juara-MT de gestão compartilhada com a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e com o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM), se encontra em pleno funcionamento e realiza a salvaguarda e difusão de diferentes representações do patrimônio cultural material e imaterial regional. Sua sede está localizada na principal praça pública da cidade (praça dos colonizadores) o que tem gerado desconforto a grupos coloniais. Seu acervo é composto de objetos e referências históricas, artefatos arqueológicos (cerâmica, líticos, sítios de gravuras e pinturas rupestres), referências etnoculturais dos povos indígenas Apiaká, Kayabi, Munduruku e Rikbáktsa, material paleontológico (fóssil) entre outros. Desenvolve ações de educação patrimonial e museal com escolas de educação básica, escolas indígenas e possibilita às instituições de ensino superior, local de estágio e de pesquisa.

Palavras-chaves: Educação. Projeto de Pesquisa. Museu do Vale do Arinos

Processos Dialógicos Complexos: desafios e possibilidades

Processos dialógicos são perenes quando na forma de petróglifos, gravuras e pinturas rupestres, pictogramas, documentos, audiovisuais e imagens iconográficas. A semiótica e a hermenêutica podem atribuir sempre novos significados provocando o processo dialético que perpetuará o diálogo no tempo. Diferentemente, os processos dialógicos presenciais (entre interlocutores físicos) podem ser efêmeros e desaparecerem na mesma velocidade que surgiram.

Os processos dialógicos entre interlocutores pertencentes a grupos culturalmente diferentes, considerando a sensibilidade que existe nos diálogos interculturais, são

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu). Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: saulo.augusto.moraes@unemat.br

significativamente instáveis. Assim também ocorre na maioria das vezes quando o diálogo é entre sujeitos e instituições culturalmente diferentes. Com algumas exceções, entretanto, podem gerar resultados verdadeiramente revolucionários no sentido de produzirem políticas afirmativas, participação social e decolonialidades.

O projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT), campus de Juara-MT, desde sua construção buscou elaborar e implementar um processo dialógico desafiador (e inovador na região) colocando sob a mesma égide sujeitos culturalmente diferentes e instituições culturalmente diferentes com o objetivo de salvaguardar e difundir as memórias e o patrimônio histórico-cultural do Vale do Arinos².

Esses sujeitos e instituições culturalmente diferentes se organizaram em torno de um eixo central que foi (e continua sendo) a proposta de uma instituição museal como espaço aglutinador que pudesse concentrar os objetivos do projeto de pesquisa, mas também os objetivos de cada grupo e de cada instituição. Assim foi concebido na Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT), campus de Juara-MT, um projeto de extensão denominado “Museu do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnocultural e Artístico do Vale do Arinos”. Nesse projeto de extensão foi reunido diferentes colaboradores e profissionais das áreas de história, de arqueologia, de paleontologia, de biologia, de pedagogia, de museologia, de administração entre outras. Também a colaboração de instituições públicas e privadas como a prefeitura e a câmara municipal de Juara-MT, prefeitura municipal de Novo Horizonte do Norte-MT, prefeitura de Porto dos Gaúchos-MT, o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM), que é uma organização da sociedade civil (Juara-MT), a ARCHAEO – Empresa de Pesquisa Arqueológica, entre outras, e indígenas das etnias Apiaká, Kayabi, Munduruku e Rikbáktsa.

Uma base complexa de sujeitos e instituições somente pode gerar um processo dialógico complexo. A complexidade não é dicotômica, nem difícil. É complexa apenas e deve ser entendida como tal, ou seja, diferentes compreensões e ações acontecendo ao mesmo tempo em diferentes espaços por diferentes sujeitos e instituições num objetivo comum. Uma homologia de processos inter e etnoculturais, isomorfismos pedagógicos se aglutinando entre diferentes percepções epistemológicas e ontológicas, construções intersubjetivas.

² O Vale do Arinos é uma microrregião Mato-grossense composta pelos municípios de Juara, Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos, Tabaporã, São José do Rio Claro e Nova Maringá. Faz parte do contexto sociopolítico da Amazônia Legal.

Na medida em que as instituições públicas e privadas envolvidas pensavam a arquitetura relacional da instituição museal, sujeitos indígenas de diferentes etnias a pensavam em suas aldeias, profissionais independentes das diferentes áreas do conhecimento a pensavam a partir de suas formações.

Imagem 01³



Fonte: Museu do Vale do Arinos/LAMIS⁴ (2015).

Em Araújo *et al* (2018, p. 01) é possível compreendermos um pouco da percepção da organização da sociedade civil Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM) envolvida no projeto museal:

No processo de implantação do museu, alguns lugares e paisagens foram sendo identificados, inclusive com registro de dois sítios arqueológicos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Recentemente foi identificado um sítio arqueológico nas terras consideradas do povo indígena Apiaká, às margens do Rio Juruena. Alguns integrantes do Instituto Ecuman, instituição co-gestora do museu em fase de estruturação, foi convidada pela referida etnia indígena a explorar o local fazendo os registros necessários para ajudar no estudo da história Apiaká garantindo a legitimidade desta Terra Indígena que processualmente está sendo demarcada.

³ Reunião com a antropóloga Gláucia Péclat, da Archaeo – Empresa de Pesquisa Arqueológica (à época) e colaboradora no projeto do museu. Constam na foto Prof. Dr. Jairo Luís Fleck Falcão, Historiador; Prof. Ms. Marcos Aurélio Borchardt, Administrador; Prof. Luíz Campos, Administrador; Prof. Dr. Gildete Evangelisata da Silva, Administrador (Diretor do campus da Unemat à época); João Pinto, Vereador, presidente da Câmara Municipal de Juara-MT (à época); Lúcia Marestone, Historiadora, secretária municipal de finanças de Juara-MT (à época) e professora efetiva da educação básica (ensino médio); Prof. Saulo Augusto de Moraes, Pedagogo, coordenador do projeto museal (à época).

⁴ LAMIS – Laboratório de Memória, Imagem e Som, Museu do Vale do Arinos.

No ano de 2019 estando o museu já inaugurado e em funcionamento em uma sede física, Munduruku (2019, pp. 06-07) descreveu um pouco da percepção indígena sobre a instituição e os desafios para sua concretude em um artigo publicado no XIV Seminário de Educação do Vale do Arinos (SEVA) da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT), campus de Juara-MT:

O Museu do Vale do Arinos é uma instituição pública municipal de Juara criada pela lei municipal nº 2.682 de 15 de janeiro de 2018. Está localizado na praça dos colonizadores, no centro da cidade. É importante ressaltar que a referida praça configura o cartão postal da cidade. Cidade que infelizmente carrega o apelido de “capital do gado”, uma referência ao agronegócio (pecuária) que domina o mercado local e regional. Tal observação da localização do prédio do museu se dá pelo fato de que o próprio prédio (após ser conseguido com muitas lutas) fora pintado pelos indígenas com as respectivas cores tradicionais de cada etnia, o que configura uma afronta à cúpula do poder político e econômico local. Mas para chegar até a “praça dos colonizadores” fora empreendido muitas lutas, muitos esforços, muitas estratégias e muita dedicação.

Em outro trecho do mesmo texto Munduruku (2019, p. 09) diz que “O Museu do Vale do Arinos é para nós indígenas uma extensão das nossas aldeias, um lugar de nossa cultura na cultura não indígena, o que o faz também um espaço de integração onde nós podemos conhecer e conviver com o outro sem deixar de sermos nós” o que nos permite supor que a constituição do museu gerou diferentes percepções nos diferentes sujeitos e instituições.

Figura 01 – Pintura indígena no Museu do Vale do Arinos⁵



De acordo com a lei municipal nº 2.682/2018 a instituição museal, denominada abreviadamente de Museu do Vale do Arinos, ficou estruturada na forma de cinco câmaras setoriais, sendo elas: Câmara Setorial de História, Câmara Setorial de Arqueologia, Câmara Setorial de Etnologia,

⁵ Na imagem indígena Kawaiwete (Kayabi) da aldeia Tatuí da Terra Indígena Apiaká-Kayabi, Juara-MT.

Câmara Setorial Natureza e Câmara Setorial de Arte, cada uma com coordenador próprio e de área, porém subordinadas à Direção e ao Conselho Curador, este último sendo o órgão máximo de deliberações e de decisões do museu. Na Câmara Setorial de História foi criado um departamento denominado Laboratório de Memória, Imagem e Som (LAMIS) com objetivo de salvar documentos textuais e iconográficos, gravações de áudio e audiovisual, imagens entre outros. Desde então, apesar de tão recente, já houve manifestações a partir de pesquisas para a salvaguarda de documentos como podemos observar na tese de doutoramento de Crubelati (2019, p. 22)

As entrevistas realizadas com os cooperados da COOPERNONTE e seus familiares, as transcrições, a produção de índice e disponibilização fazem parte do acervo do Laboratório de Memória, Imagem e Som da Câmara Setorial de História do Museu do Vale do Arinos. O museu é uma instituição da administração pública municipal de Juara/MT de gestão compartilhada com a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de Juara/MT e Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos – ECUMAM, e apesar de estar situado na cidade de Juara, ele abrange toda a região do Vale do Arinos

Observamos a mesma manifestação em Leite e Falcão (2019, p. 11):

A entrevista oral com João Donizete Molina foi realizada no dia 1 de agosto de 2017, depois tratada conforme a Metodologia da História Oral e seu conteúdo transcrito, juntamente com a gravação oral e o Termo de doação da Entrevista estão disponíveis para visitantes e pesquisadores no Laboratório de Memória, Imagem e Som, da Câmara Setorial de História do Museu do Vale do Arinos.

Moraes, Nawecato, Tamana e Sirajup (2018, p. 02) em publicação junto ao Seminário de Educação Ambiental da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT), campus de Juara-MT, sobre cerâmica arqueológica e a perda dos modos tradicionais de produzir cerâmica pela etnia indígena Kayabi (Kawaiwete) comentam: “Mesmo assim foi possível ter-se contato com diferentes tipos de cerâmicas a partir dos potes e fragmentos coletados e preservados pela Câmara Setorial de Arqueologia do Museu do Vale do Arinos”.

Estes resultados demonstram a potencialidade, entre outros, do projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de Seus Habitantes.

Considerações Acerca do Projeto de Pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: O Vale do Arinos na memória de seus habitantes

Um projeto de pesquisa não existe apenas para responder a problemas objetivos identificados ou identificáveis, mas existe da necessidade de investigação científica. A pesquisa pode ser compreendida como "o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos" (GIL, 1988, p. 19). A pesquisa deve ser sistematizada por meio de uma diretriz norteadora que é o projeto de pesquisa. Para Gil (1988, p. 21) o projeto de pesquisa é "o processo sistematizado, mediante o qual se pode conferir maior eficiência à investigação para em determinado prazo alcançar o conjunto das metas estabelecidas".

Na perspectiva de Neto (s/d, p. 01):

A atividade de pesquisa é um empreendimento difícil, exige método, rigor, objetivos bem delimitados, muita imaginação e, até um pouco de sorte. Como define Pádua (1997) pesquisa é uma atividade que, voltada a responder questões que brotam de inquietação diante da realidade, conduz a elaboração de um conhecimento novo, que auxilia na sua compreensão.

O projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes surgiu da necessidade de:

[...] discussões sobre a história de ocupação e reocupação de territórios da Amazônia, que se constituem como fronteira permanente, possibilitam a reflexão sobre a necessidade de discutir questões presentes no universo educacional e que tem suas raízes em diferentes contextos temporais da ocupação e reocupação do município de Juara, conectado aos aspectos globais de cada tempo [...]. Portanto, Fronteira, Territorialidades e Cultura em suas contradições, encontros, desencontros, lutas, disputas, posse e grilagens de terras, violência e guerra, são construções, cancelamentos e silenciamentos de culturas, de experiências e de vivências que se configuram memórias em disputas, presentes em narrativas oficiais e não oficiais da história dos municípios do Vale do Arinos (FALCÃO, 2019, p. 2).

Com o objetivo de:

Compreender como a memória dos habitantes do Vale do Arinos são formadoras das representações históricas sobre a microrregião, no sentido de que o conhecimento do percurso histórico contribua para a reflexão sobre sustentabilidade socioeconômico-cultural na (re) configuração territorial das cidades do Vale do Arinos (FALCÃO, 2015, p. 06).

Nesse sentido, a equipe do projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de Seus Habitantes tem buscado a produção de entrevistas, a coleta de documentos escritos e iconográficos para a escrita e reescrita da história da ocupação e reocupação do território do que hoje é denominada microrregião do Vale do Arinos. Para essa finalidade, tem sido realizado diversos encontros formativos sobre a historiografia da ocupação e reocupação do Mato Grosso, dos conceitos de colonização e fronteira e também no sentido de apropriação da metodologia da História Oral, com os conceitos de memória e narrativa.

Nesta perspectiva, a importância da escrita e reescrita da história da ocupação e reocupação do território da microrregião do Vale do Arinos tem a finalidade de trazer à tona as referências das populações excluídas, que fazem sua história por meio de referências diversas. Conforme aponta Falcão (2019, p. 3)

Povos tradicionais, ribeirinhos, agricultores familiares, empregados, desempregados, migrantes, retirantes, desvalidos, presidiários, homens e mulheres da cidade e do campo são construtores de sua própria História. Edificam suas vidas em conjunto, de acordo com as referências que tem sobre a sua comunidade, a sua família, a ancestralidade, a cidade, a região, o estado, o país, o mundo, associadas às referências que trazem dos ambientes educacionais, do Estado, da religião, dos meios de comunicação social e das relações de rede que estabelecem com outros iguais e diferentes.

Ao desenvolver as ações do projeto foram mobilizados ainda novos sujeitos que foram ingressando em momentos posteriores. Novos pesquisadores e pesquisadoras, acadêmicos e acadêmicas, bolsistas, mestrandos e mestrandas, doutorandos e doutorandas, novos membros das comunidades e povos indígenas formadores dos municípios da microrregião do Vale do Arinos e que compõem as atividades e alguns resultados iniciais do projeto.

As atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes resultaram uma série de aproximações e participação da comunidade, porém, necessita de muito mais tempo para o seu desenvolvimento pleno, para atingir todos os objetivos previstos, porém, foi iniciado um processo de pesquisa que tem uma grande capilaridade, que possibilita uma quantidade de pesquisas que extrapola as Ciências Humanas e Sociais, são ações de pesquisa no campo da Educação, da História, da Administração, da Antropologia, da Arqueologia, das Artes, da Linguagem, da Museologia, da Educação Patrimonial. Uma questão importante a se destacar é a necessidade de tratar as entrevistas geradas pela pesquisa, o que é muito moroso, por isso a disponibilização dos resultados e das entrevistas tem tido certa demora. Portanto, em função da necessidade de tratamento rigoroso e metódico das

informações, assim como da necessidade de entrevistar pessoas que fizeram e fazem a história dos municípios o projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes necessita de um período maior de tempo para o seu pleno desenvolvimento.

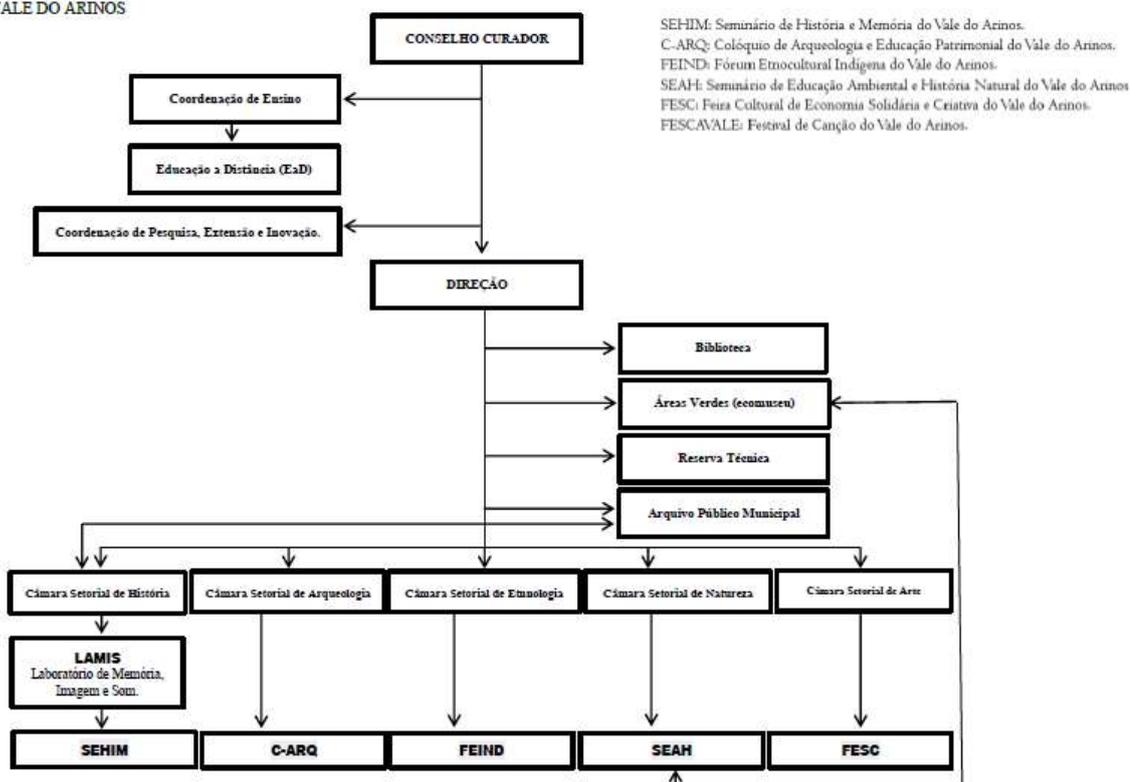
Este projeto tem um potencial muito grande porque possibilita o desenvolvimento de diversos subprojetos de pesquisas, tais como História e Educação Ambiental, História da Educação, História do Mundo do Trabalho, História Cultural, Ensino de História, Educação Patrimonial, História dos Empreendimentos, Economia Solidária, Museologia, Arte e Etnologia.

Com a constituição do Museu do Vale do Arinos, em funcionamento a partir de dezembro de 2018, a organização do Laboratório de Memória, Imagem e Som (LAMIS) da Câmara Setorial de História há um local de guarda de artefatos da cultura material, fotografias e entrevistas produzidas pelo projeto, assim como um potencial em promoção de pesquisas sobre a História dos municípios do Vale do Arinos. O projeto de pesquisa está organizando um banco de dados que será disponibilizado de forma física no Museu do Vale do Arinos e também online no site do museu.

Sobre o Museu do Vale do Arinos

O Museu do Vale do Arinos, instituição da administração pública municipal de Juara-MT constituída pela lei municipal nº 2.682 de 15 de janeiro de 2018, teve sua construção, desde a minuta da lei, coletivamente realizada por indígenas das etnias presentes no município de Juara-MT, por docentes, pesquisadores e pesquisadoras da UNEMAT e de outras universidades, por membros do Instituto Ecumam e por membros e colaboradores independentes junto ao projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na memória de seus habitantes e não exclusivamente pela câmara municipal de vereadores ou prefeitura municipal, como é mais comum acontecer nesses casos, e foram incluídas outras duas instituições como co-gestoras da instituição museal: a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Juara-MT e o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM). Diante da necessidade de se garantir maior espaço às populações indígenas junto à gestão do museu o Conselho Curador passou a ter um representante de cada etnia indígena. O conselho curador é órgão soberano de deliberações e decisões do Museu do Vale do Arinos e se constitui num total de dez (10) membros efetivos.

ORGANOGRAMA
MUSEU DO VALE DO ARINOS



Fonte: Museu do Vale do Arinos (2021).

A estrutura organizacional da instituição foi criada a partir da realidade regional. É como melhor responde à diversidade histórica e cultural da região. Esse modelo também responde aos anseios indígenas e indigenistas. De acordo com o coordenador da Câmara Setorial de Etnologia, liderança indígena Munduruku, gera maior autonomia fomentando maior participação indígena.

Em uma busca rápida na internet verificamos diversas ações educativas e de proteção e difusão patrimonial⁶ do Museu do Vale do Arinos, contudo não há informações sobre repasse de recursos financeiros públicos. De acordo com o Conselho Curador do museu até o momento a prefeitura municipal tem negligenciado o repasse de recursos financeiros, o que poderá vir a ser objeto de denúncia.

⁶ Ver conceito de patrimônio em Chuva (2009, 2012, 2013), Arruda (2014) e Costa (2020).

Considerações Finais

É mais comum que processos dialógicos complexos desapareçam. É mais difícil que provoquem resultados sociais práticos. O caso do Museu do Vale do Arinos é especial em razão disto: sujeitos e instituições culturalmente diferentes constroem um equipamento social plural e descentralizado. É coisa difícil e rara as prefeituras sentarem para dialogar com as universidades públicas estaduais ou federais na busca de soluções de problemas comuns. É coisa difícil e rara as câmaras de vereadores possibilitarem abertura para participação social na construção de minutas de lei pelos próprios grupos sociais, da base, que serão atendidos (e atingidos), coletivamente, pela própria lei.

O patrimônio cultural brasileiro, não bastasse a desatenção voluntária de governos e das políticas de estado na sua efetivação, está muito mais em risco nos interiores do que nos grandes centros. Os municípios do interior, especialmente Mato Grosso, ainda são comandados por fazendeiros, por ruralistas, por mineradores ou por grileiros que enriqueceram com a espoliação de reservas naturais ou territórios indígenas e a venda ilegal de matéria prima (como ouro e madeira, por exemplo). Esse perfil de gente não tem sensibilidade cultural, não tem capacidade técnica ou formação científica (e nem querem), o problema é que essa gente opina e decide com base em elementos de pós-verdade, em *fake news*, em credices, no geral são o típico bolsonarista (o que já explica muita coisa), gente que não se importa com absolutamente nada do patrimônio cultural (ou do patrimônio natural, se quer saber). Assim resta à própria população se organizar.

O movimento indigenista, o movimento artístico, o movimento patrimonial já existiam muito antes do Museu do Vale do Arinos, o que faltava eram diretrizes norteadoras, orientação. O projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes foi um dos primeiros aglutinadores na tentativa de consolidar um grupo que pudesse articular estudo, inventário e difusão por meio de produção científica, ações e política a partir do ano de 2015. No ano de 2016 foi criado o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM), outro aglutinador especialmente indigenista e científico fora do quadro institucional acadêmico. O Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal (LEAL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Juara-MT, é outro aglutinador, anterior aos demais, porém é tema para outro momento, pois demanda uma pesquisa exclusiva.

O Museu do Vale do Arinos é a primeira instituição pública municipal que se tem notícia onde o chefe do executivo não tem poder de interferência direta. A compreendemos como uma

instituição de fato pública (e não apenas mais um departamento municipal burocratizado). Claro que com isso a instituição também sofre crítica como por exemplo daquele pessoal do agro que já disseram que se trata de “museu de índio” (em sentido pejorativo) já que indígenas participam de sua gestão e há um rico acervo etnológico na expografia museal principal e também já foi dito que “a verdadeira história de Juara não está aqui”⁷ (no museu).

Na cerimônia de inauguração da instituição o prefeito municipal, um pequeno representante do agro, se negou a comparecer. Na verdade, jamais visitou a instituição. Não gostava da instituição (certamente ainda não gosta) por certamente lhe ter tirado a oportunidade de fazer um museu do colonizador, privilegiando a memória colonial, “pioneira”, a exemplo da cidade vizinha Porto dos Gaúchos-MT, ou, quem sabe, por ter lhe tirado a “oportunidade” da prática do nepotismo ou do cabidal de emprego à “cabos eleitorais” como é comum nos interiores de Mato Grosso. Ou ainda por acreditar – como a gente do agro acredita – que tudo isso é perda de tempo e de recursos, que educação e cultura é gasto e não investimento. Mas a negação da ciência e da cultura é o que define representantes do agro.

Um projeto de pesquisa pode ser um divisor de paradigmas. Pode possibilitar ações, espaços e diálogos decoloniais e gerar resultados surpreendentes. Pode aproximar sujeitos, grupos e instituições culturalmente diferentes na construção de objetivos comuns. Pode romper com o ciclo colonial, coronelesco, no âmbito do espaço público. Pode gerar emprego e renda e possibilitar dignidade a pessoa humana. Desde sua concepção, o projeto de pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes tem gerado muitos resultados, complexos e difíceis de mensurar.

Investir em pesquisa é investir em dignidade humana. É preservar e difundir a memória e a história possibilitando condições de voz e de pertencimento ao Outro, ao diferente, no presente. É gerar futuros decoloniais e inclusivos e “Compreender a História da ocupação e reocupação do território de Juara para trazer à tona as referências das populações excluídas, que fazem sua história por meio de referências diversas (PERROT, 1992; THOMPSON, 1987; 2010)” (FALCÃO, 2019, p. 03).

⁷ Fala de um repórter da TV local ao fazer uma matéria sobre os acervos do Museu do Vale do Arinos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k28g61fLH0M> acesso em 04/09/2021.

COMPLEX DIALOGICAL PROCESSES: INITIAL CONSIDERATIONS ABOUT THE FRONTIER, TERRITORIALITY AND CULTURE RESEARCH PROJECT: THE ARINOS VALLEY IN THE MEMORY OF ITS INHABITANTS AND THE ARINOS VALLEY MUSEUM

Abstract - This text is an experience report and sought to describe complex dialogic processes and their results from the research project Border, Territoriality and Culture: the Arinos Valley in the Memory of its Inhabitants of the Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus of Juara-MT, under the coordination of Prof. Dr. Jairo Luís Fleck Falcão. Our considerations also focus on the Arinos Valley Museum extension project and the complex web that involves culturally different subjects and institutions in the implementation and functioning of the first museum institution in Juara-MT. Today, the Museu do Vale do Arinos, an institution of the municipal public administration of Juara-MT of shared management with the University of the State of Mato Grosso (UNEMAT) and with the Institute of Education, Culture and Environment of the Arinos Valley (ECUMAM), is in full operation and carries out the safeguarding and dissemination of different representations of the regional material and immaterial cultural heritage. Its headquarters are located in the main public square of the city (Plaza dos Colonizadores) which has generated discomfort for colonial groups. Its collection is composed of objects and historical references, archaeological artifacts (ceramics, lithic, engraving sites and cave paintings), ethnocultural references of the Apiaká, Kayabi, Munduruku and Rikbáktsa indigenous peoples, paleontological material (fossil) among others. It develops heritage and museum education actions with basic education schools, indigenous schools and provides higher education institutions with a place for internships and research.

Keywords: Education. Research project. Arinos Valley Museum.

Referências

ARAÚJO, Rosalia de Aguiar. MORAES, Saulo Augusto de. SILVA, Adeliane Tomáz da. FILHO, José Guilherme de Araújo. **Educação Patrimonial: Primeiras evidências de sítios arqueológicos na Terra Indígena Apiaká “Pontal dos Isolados”**. Semana Acadêmica Revista Científica ISSN 2236-6717. Disponível em https://semanaacademica.com.br/system/files/artigos/artigo_semana_academica_educacao_patrimonial.pdf acesso em 22/08/2021.

ARRUDA, Renato Fonseca de. **Patrimônio cultural, sistemas e ações articuladas: a experiência de Cáceres e a formação de um sistema de preservação**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2014. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1130> acessado em 13 de jun. 2021.

COSTA, Dilma Lourença da. **Patrimônio histórico e conflitos socioterritoriais: paradoxos da (i)legibilidade dos tombamentos e das normas de preservação, a partir de Cáceres-MT**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Sociologia. Linha de pesquisa: Urbanização, ruralidades, desenvolvimento e sustentabilidade Orientador: Gabriel de Santis Feltran. São Carlos - SP 2020.

CHUVA, Márcia Regina Romero. **Para descolonizar museus e patrimônio: refletindo sobre a preservação cultural no Brasil.** In: Aline Montenegro Magalhães; Rafael Zamorano Bezerra. (Org.). 90 anos do Museu Histórico Nacional: em debate. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2013. pp. 195-208.

CHUVA, Márcia Regina Romero. **Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil.** In Revista do Patrimônio, nº 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva). Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA_Marcia_Por-uma-historia-da-nocao-de-patrimonio-cultural.pdf acessado em 28 de jul. 2021.

CHUVA, Márcia Regina Romero. **Os Arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940).** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

CRUBELATI, Ariele Mazoti. **Perspectiva e experiências dos trabalhadores rurais da Cooperativa Mista de Novo Horizonte do Norte-MT.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP. 2019.

FALCÃO, Jairo Luís Fleck. **Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes.** Projeto de Pesquisa. 2015. Disponível em: http://sigfap.fapemat.mt.gov.br/projetos/informacoes.php?projeto_id=38107 acesso em 12/09/2021.

FALCÃO, Jairo Luís Fleck. **História dos Municípios do Vale do Arinos: Elementos Iniciais.** In IV Educação em Tempos de “Novas” Ideologias e Negação de Direitos, 15ª (JORNEDUC), 2019. Cáceres-MT. Anais. Cáceres-MT: Programa de Pós-Graduação em Educação – UNEMAT – PPGEdU/UNEMAT, 2019. Vol. 15 (2019). ISSN Online 2175-7712.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas S.A., 1988.

LEITE, Francine Suélem Assis. FALCÃO, Jairo Luís Fleck. **História da Educação em Juara: currículo e cultura escolar na década de 1980.** FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.6, nº1, p.203-222, jan.-jun., 2019. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1313/1180> acesso em 03/09/2021.

MORAES, Saulo Augusto de. FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara. **Educação Museal Indígena vivenciada no contexto do Museu do Vale do Arinos, na Amazônia Matogrossense.** Revista de Comunicação Científica ISSN: 2525-670X. v. 9, n. 1 (2021). Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/5832> acesso em 09/08/2021.

MORAES, Saulo Augusto; TAMANA, Renata Sirajup Mendes; SIRAJUP, Raquel; NAWECATO, Patrícia Francisca. **A cerâmica Kayabi da região “batelão” a partir dos saberes das anciãs e anciãos Kayabi, da aldeia Tatuí, da Terra Indígena Apiaká-Kayabi.** Anais Vol. 1 (2018): Seminário de Educação Ambiental, Juara/MT, Brasil, 07 Dezembro - 08 Dezembro de 2018. Faculdade de Educação e Ciências Sociais Aplicadas - FAECS, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Unemat Editora.

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. **O Museu do Vale do Arinos para os povos indígenas do Vale do Arinos: uma análise a partir da perspectiva indígena Munduruku**. Anais Vol. 14 (2019): Seminário de Educação do Vale do Arinos, Juara/MT, Brasil, 04-06 Setembro 2019, Coordenação do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

NETO, Nécio Turra. **Roteiro básico e prático para elaboração de projeto de pesquisa**. Disponível em <https://www.fct.unesp.br/Home/Pesquisa/EscriitoriodePesquisa/roteiro-basico-para-projeto-de-pesquisa.pdf> acesso em 18/08/2021.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **O processo de pesquisa**. In: _____. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1997. p. 29 – 89. (Coleção Práxis).